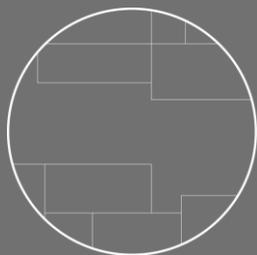




N O V A S
FRONTEIRAS ESPM

Revista Acadêmica dos Alunos de Relações Internacionais da ESPM-Sul



N O V A S FRONTEIRAS

ESPM

Revista Acadêmica dos Alunos de Relações Internacionais da ESPM-Sul

CONSELHO EDITORIAL

Direção

Prof. Diego Pautasso

Prof. Cristian Salaini

Prof. Sérgio Wollman

Coordenação da Revista Acadêmica

Ana Julia Bonzanini Bernardi

Coordenação de Arte

Ítalo Brunneto de Rocco

Apoio Técnico

Thiago Braga

Bruna Hohensee

AS OPERAÇÕES DE PAZ DA ONU COMO INSTRUMENTO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: a liderança brasileira na MINUSTAH

Marcelle Moreira Pujol

FRAGMENTAÇÃO DO DIÁLOGO POLÍTICO ENTRE AS AMÉRICAS: o caso de Cuba na VI Cúpula das Américas e os impactos à cooperação

Bibiana Santos

A FORMAÇÃO DA COLÔNIA FRANCESA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A CIDADE DE PELOTAS

Alice Saccaro

A POLÍTICA DAS CULTURAS: a conexão do global com o local da questão afro-brasileira em tratados internacionais

Henrique Braunstein Raskin

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL: a dança dos paradigmas, o estado normal e a política externa na década de 1990

Augusto Gavioli

O PRÉ-SAL E A ESTABILIDADE ECONÔMICA BRASILEIRA: o país está imune a possíveis choques na oferta de petróleo?

Luis Fernando Krás Couto

OS IMPACTOS DOS REGIMES AUTORITÁRIOS NA CULTURA POLÍTICA HUNGARA: análise da ocupação Soviética e seus legados no período inicial de restauração democrática (1985-1994)

Ana Julia Bonzanini Bernardi

VICIADOS EM ROUPAS: identidade, consumo e descolonização

Maria Fernanda Gonzalez



1ª EDIÇÃO - MARÇO | 2014

**OS IMPACTOS DOS REGIMES AUTORITÁRIOS NA CULTURA
POLÍTICA HUNGARA:** *Análise da Ocupação Soviética e seus legados no período
inicial de restauração democrática (1985-1994)*

***THE IMPACTS OF THE AUTHORITARIAN REGIMES IN THE HUNGARIAN
POLITICAL CULTURE :*** *Studies of the Sovietic Ocupation and their legacies during the
democratic transition (1985-1994)*

Ana Julia Bonzanini Bernardi*

Resumo

Este artigo tem o intuito de apontar como fatos atrelados ao regime autoritário soviético em território húngaro afetaram a cultura política e o comportamento da população em relação às instituições governamentais, durante os primeiros anos da restauração democrática. A descrição destes eventos se dará de forma breve, somente para fundamentar as consequências relacionadas no período entre 1985 e as eleições de 1994.

Palavras-chave: Hungria, ocupação soviética, cultura política, autoritarismo.

Abstract

This articles aims to relate the facts that occurred during the authoritarian sovietic occupation in Hungary and define the extent of their effect in the political culture and behavior of the population towards the governmental institutions during the first few years of the democracy restoration of the country. The following events will be briefly described, serving mostly to fundament their consequences in the period between 1985 and the 1994 elections.

Key-words: Hungary, soviet occupation, cultural politics, authoritarianism.

* Graduanda em 2013/2 do curso de Relações Internacionais da ESPM-Sul, e estudante do 2º semestre do curso de Políticas Públicas pela UFRGS.

Email: anajuliabernardi@hotmail.com

Introdução

A Hungria é um país atualmente constituído por uma população de cerca de 10 milhões de habitantes, com uma área de 93,028 km², localizada no Centro Leste Europeu (dados União Europeia). Até meados de 1500, era um país prospero baseado na agricultura, com um território vasto e uma população que girava em torno de 4 milhões de habitantes – o mesmo número de habitantes da Inglaterra na época. O país mostrava-se estável, porém no ano de 1526 houve a primeira invasão turca, que dividiu o território húngaro em três e iniciou uma longa jornada de ocupações no país (CARTLEDGE, 2010). Estas, fossem de origem monárquica, fascista, nazista ou comunista foram extremamente determinantes para moldar a sociedade atual da Hungria (BARANY, 1996), que veio a sofrer diversas mudanças ao longo dos anos; diminuição da base territorial, perda de tradições e traços culturais marcantes – divisão de grupos étnicos, religiosos em meio a uma constante e imensa diminuição de população.

As mudanças ocorridas no país tiveram sua origem na ocupação turca, mas foram aprofundadas pelos tantos outros regimes que o sucederam; O Império Habsburgo que teve início após a retirada turca até o fim da primeira guerra mundial, seguido pela ocupação nazista que tomou conta do país após um breve período de estabilização política entre guerras, e por fim a ocupação soviética de mais de cinquenta anos (KÖRÖSÉNSNYI, 1999). Não suficientes as ocupações, o país também passou por regimes autoritários nacionais, de esquerda inspirados pelos bolcheviques, e de direita sob influência da Alemanha nazista. Todos esses períodos da história foram decisivos para formar o caráter da população atual em relação a política, alguns mais marcantes que outros, seja por sua durabilidade, rigidez autoritária ou por constituírem-se como uma memória mais recente (SIMON, 1993). Durante a redemocratização a população húngara foi descrita muitas vezes como pessimista e apática em comparação com os outros países do leste europeu que passavam pela mesma mudança de regime (*New York Times*, 29/12/90), mas analisando a história nacional e relacionando tantos anos de opressão, esse comportamento pode ser descrito como um realismo prático, ou um julgamento sério da situação (SIMON, 1993).

O foco deste trabalho é analisar os legados do período soviético como um regime autoritário, independente do cunho comunista. Entre a ocupação da Hungria pelos soviéticos em 1947 e a saída das últimas tropas em 1991, serão destacados três períodos principais que segundo estudos, são fatores-chaves para tentar entender o comportamento político da sociedade húngara durante a redemocratização. Nestes incluem-se, os primeiros anos da ocupação (1948-1953) que foram marcadas por um Stalinismo forte e grande opressão, a

revolução de 1956, e o dualismo de comportamento no governo Kádár. (TÖKÉS;1996). A análise do período de redemocratização se dará entre 1985 e 1994, quando o segundo governo pós-ocupação soviética foi eleito – considerado por muitos cientistas políticos como o marco final da transição política do país.

A metodologia utilizada para desenvolver este artigo se dará basicamente por revisão bibliográfica e comparações empíricas utilizando de pesquisas relacionadas ao tema. Também devemos salientar que pelo tema do artigo ter seu cerne na análise do comportamento de indivíduos, dados temporais e analíticos por mais que auxiliem no embasamento teórico, podem não ser determinantes para entender comportamentos sociais. Como já advertido pelo cientista político Sartori (1999) toda ciência social, como a política apresenta limitações pela sua análise metodológica.

Contexto Histórico

Após a derrota do Império Austro-húngaro na primeira guerra mundial a Hungria passou por um período de independência marcado por forte desenvolvimento econômico. No entanto, vivia um cenário doméstico conturbado politicamente que com a alternância de regimes de esquerda e direita vivenciava períodos de autoritarismo. Em meio a revolução de Bela Khun inspirado pelos bolchevistas, seguido da contra revolução da era Horthy com inclinação nazifascista, inicia-se a segunda guerra mundial. O posicionamento fascista do governo da época firma com a Alemanha nazista de Hitler uma aliança, reforçada pela proposta de devolução para a Hungria de uma parte do seu território que havia sido perdido para a atual Republica Checa. Hitler, de fato entregou o território que havia sido tomados pela Tchecoslováquia para a Hungria, entretanto, quando o país ameaçou retirar-se da guerra após a batalha de Don, em 1943 – no qual houve uma aniquilação severa do exercito húngaro – a Alemanha se antecipou e invadiu a Hungria em 1944, nomeando Ferenc Szálasi, do partido nazista húngaro, como governante (CARTLEDGE, 2010). Durante a ocupação nazista, na fase final da guerra aumentou-se a repressão sob a população, sendo introduzido um sistema completamente autoritário (KÖRÖSÉNYI, 1990).

Em meio à ocupação nazista e os ataques soviéticos, a Hungria, pela proximidade do seu território, tornou-se um palco de guerras que foi terrivelmente devastado. Em 1945, a Alemanha rendeu-se findando a segunda guerra mundial, e as forças aliadas soviéticas chegaram a Budapeste, tornando a Hungria livre do nazistas (SZABO et al, 2006). Neste momento iniciou-se uma ocupação, que nos ideais da guerra fria colocava a Hungria sob a zona

de poder soviética, e que sob a promessa de libertar o povo húngaro do nazismo, acabou por ocupar o país por mais de cinquenta anos.

Primeiros anos do governo soviético – Stalinismo (1947-1953)

A partir do momento que a guerra fria foi declarada oficialmente através da Doutrina Truman em março de 1947, o governo soviético passou a assumir suas intenções de implantar um sistema monopartidário, pressionando cada vez mais os intelectuais opostos às suas políticas a silenciarem-se, fazendo com que muitos abandonassem o país já no início do regime; muitos outros viriam a ser presos, torturados, ou exilados (SZABO *et al.*, 2006).

Sob o comando de Moscou, com instruções de acelerar o processo de instauração do socialismo na Hungria, o partido comunista (PCUS) e o socialdemocrata (PSDH), ambos com raízes operárias unem-se. Junção que determinaria a erradicação do PSDH, sendo as rédeas políticas tomadas total e completamente pelos soviéticos e culminando na formação do Partido dos Trabalhadores da Hungria. (PTH)*. Este, sob a liderança de Mátyás Rákosi, conhecido como “o filho de Stalin” foi responsável pela instauração do stalinismo na Hungria.

Durante a ocupação soviética, a Hungria pela primeira vez vivenciou a criação de uma estrutura de bem estar social e as camadas mais pobres passaram a ter acesso à saúde, estudo, e possibilidade de ascensão. Houve um maior equilíbrio entre as classes sociais com a divisão das riquezas e isso de fato foi benéfico para grande parte dos húngaros. Em 1938 somente 2,8 milhões tinham acesso a estes benefícios, em 1956 esse número elevou-se para 64% da população atingindo mais de 6,3 milhões de pessoas. Doenças como a tuberculose foram dissipadas, a mortalidade infantil reduziu drasticamente, e a idade média do cidadão que era de 40 anos em 1940 para 60 anos em 1956. Também foi registrado aumento populacional, o que não ocorria há muito tempo no país (Pünkösti, 2001; Romsics, 1999 apud SZABO *et al.* 2006, p.22).

Em contraposto a esses benefícios sociais a repressão sobre a população, a supressão de seus direitos humanos e de livre pensar foi extremamente danosa. Sob o punho de Rakósi, qualquer individuo que pudesse gerar divergências com o pensamento do partido havia de ser eliminado. Padres, jornalistas, professores, e criadores de opinião foram “abduzidos” pela

* O partido comunista da Hungria foi formado em 1918. Originalmente denominado Partido dos comunistas húngaros passou a chamar-se Partido Comunista Húngaro em novembro de 1944. Com a fusão com os socialdemocratas em 1948 recebeu a denominação de Partido dos Trabalhadores da Hungria. Após o levante de 1956, o governo de Kádár renomeou-o Partido Socialista Camponês da Hungria (SZABO *et al.*, 2006 p. 50)

polícia política, ÁVH[†]. Muitos dos capturados foram mandados para os Gulags[‡] onde praticariam trabalhos forçados, outros foram torturados e pereceram enclausurados, alguns conseguiram refugiar-se em outros países, abdicando de sua pátria. A igreja católica também não teve espaço dentro do estado comunista, uma vez que a hierarquia desta era imposta por Roma – os padres passaram a ser escolhidos pelo partido, tendo os cultos vigiados[§].

Entre 1948 e 1953 cerca de 961.504 cidadãos foram acusados de crimes pela AVH comandada por Gábor, sendo 636.973 condenados (SZABO *et al.*, 2006). Todo e qualquer grupo que visasse uma unidade social passou a ser banido, a população vivia em constante medo pois qualquer um poderia ser um espião da AVH, e qualquer coisa dita poderia tornar-se motivo de prisão. Em 1953, não existia família que não tivesse algum membro sob investigação policial (ROMSICS, 1999 p. 343 apud SZABO *et al.*, 2006 p.44).

No campo econômico, houve grande industrialização especialmente na indústria pesada, de base. Rakósi acreditava que era possível transformar a Hungria, até então baseada em uma economia agrária, em um país industrializado, e por consequente, deslocou grande parte dos trabalhadores do campo para este novo setor, mudança que mostrou-se determinante para que ocorresse uma crise alimentar em 1951. Neste período haveria a erradicação do desemprego, e um aumento produtivo de mais de 20% no país. Porém o país não contava com recursos para sustentar essa rápida industrialização e os insumos deveriam ser importados. A agricultura é estatizada, e a essa coletivização dos campos gera uma grande crise de alimentos, que aumenta o preço dos produtos – mas os salários mantêm-se os mesmos, o que faz com que grande parte da população passasse a viver próximo dos níveis de pobreza.

Rakósi passa a ser questionado pelos dirigentes do partido em Moscou, uma vez que a população estava extremamente descontente, tendo a economia em crise, os gastos crescentes para a manutenção do estado comunista e o aumento constante no número de processo e encarceramentos da população civil (SZABO, *et al.*; 2006). É decidido pela cúpula que o primeiro ministro passaria a ser Imre Nagy, antigo ministro de agricultura, mas Rakósi continuaria a comandar o partido. Nagy rapidamente ganharia o respeito e confiança da população, atendo-se aos interesses do povo húngaro e prometendo maior liberdade para a população reprimida. A sua retirada forçada do cargo de primeiro ministro, que culminará com a volta do stalinismo pesado, guiado por Rakósi, seria decisivo para dar início a revolução de 1956, e Nagy viria a tornar-se não só símbolo da revolução, como um herói nacional.

[†] Autoridade de proteção ao estado, conhecida como a polícia política do regime rakosista.

[‡] Campos de concentração para trabalhos forçados, grande parte localizada na Sibéria.

[§] O cardeal Mindszenty, grande dirigente religioso foi preso, acusado de conspiração contra a República, espionagem e negociatas em moeda estrangeira.

Revolução de 1956

A revolução de 1956 nasceu com o intuito de tornar a Hungria livre, tanto no âmbito político como no de retomar a identidade nacional oprimida durante a ocupação. Este movimento foi fortemente influenciado pelas revoltas de libertação na Polônia, e iniciada pela força estudantil húngara como forma de apoio aos rebeldes poloneses (SZABO, et al, 2006).

No dia 23 de outubro de 1956, as manifestações lideradas pelos movimentos estudantis tomaram as ruas exigindo a retirada das tropas soviéticas, um governo democrático liderado por Imre Nagy, libertação dos presos políticos da AVH e extinção da mesma (CARTLEDGE,2010). Estes protestos, iniciados de forma pacífica, foram fortemente rechaçados pela polícia secreta que ao abrir fogo contra os protestantes que estavam de forma geral desarmados, tornou o conflito em uma grande revolução, a maior da história húngara. Desta forma este grupo que se chamavam de “*freedom fighters*” passou a se tornar mais organizado e armado, e mesmo que em minoria passaram a ganhar batalhas contra os soviéticos, os militares húngaros e seus tanques.

No dia 28 de outubro de 1956, as tropas soviéticas foram forçadas a uma retirada, e o primeiro ministro Imre Nagy tomou o poder ordenando uma trégua e nos dias seguintes as primeiras tropas soviéticas começaram a se retirar de Budapeste. O governo aboliu o Departamento de Segurança, e todos os seus subdepartamentos – como a polícia secreta – e no dia 30 de Agosto, Nagy foi ao ar na rádio livre húngara para anunciar que o sistema de um só partido estava abolido e, visando eleições livres declarava a criação de uma Hungria democrática e independente (HENRICH, 1986). Neste mesmo dia o governo da URSS declarou que desejava manter um relacionamento diplomático e sadio com seus “parceiros socialistas”. Ao que tudo indicava a revolução havia acabado e a Hungria conquistava sua autonomia (SZABO, et al, 2006).

Porém, a URSS voltou a enviar tropas para o país no dia seguinte, e em resposta a isso, a Hungria se retira do Pacto de Varsóvia pedindo ajuda às Nações Unidas, que estando envolvida com a crise no Canal de Suez, não conseguiu impedir a nova onda de invasões. No dia 4 de outubro os tanques soviéticos invadiram Budapeste, e até o final deste mês a Revolução havia sido completamente aniquilada, e o governo da Hungria estava novamente em mãos soviéticas.

As perdas para Hungria foram imensas em questão de território destruído, seu número de feridos ultrapassou 20,000 e houve mais de 2,500 mortos sem mencionar a quantidade de

húngaros que deixaram o país ou foram levados como prisioneiros de guerra para campos de concentração (SZABO, et al, 2006). Em 1958 Imre Nagy e três outros grandes nomes da revolução foram executados e sepultados de forma desrespeitosa, como um “aviso” para os que fossem contra o governo instaurado. Escolhido por Moscou, Janos Kádár voltou ao governo do país, desta vez com um governo mais brando do que o da ocupação inicial, apelidado de comunismo Goulash.

Os revolucionários conseguiram abrandar as formas de opressão impostas pelos soviéticos, como a menor atuação da polícia secreta, embora o povo ainda não usufrísse de livre expressão. Uma frase utilizada pela população ao referirem-se a revolução de 1956 é, *“Em outubro de 1956, o povo húngaro provou para o mundo, e para si mesmos, que não existem nações fracas, somente nações que não buscam se defender”*** . A revolução de 1956 segue até hoje como um marco na história do país.

Dualismo do governo Kádár

János Kádár ingressou no Partido Comunista da Hungria em 1931, e após a ocupação soviética em 1947, juntamente com Mihály Farkas trabalhou como braço direito de Rakósi, durante seu governo stalinista, marcado pelas fortes intervenções da AVH (HEINRICH, 1986). Em 1948, tornou-se Ministro do Interior, participando ativamente das capturas de inimigos políticos, criando falsas acusações e forçando-os a confessar. A perseguição política estava tão forte, que a partir de 1949 mesmo membros do partido comunista passaram a ser encarcerados mediante suspeitas de espionagem para imperialistas. Sob esse posicionamento Kádár era visto pela população como um líder stalinista, responsável pela instauração do terror, pois apesar de ter origens socialistas de centro ele de fato era um dos principais membros do partido. Porém, as perseguições políticas aumentaram, e em 1951 houve uma nova onda de encarceramento dos líderes comunistas nacionais. Dessa vez 21 políticos do partido foram presos, entre estes estava János Kádár, preso sendo acusado por ter tendências *“titoistas”*†† permanecendo encarcerado até 1953.

Durante o levante húngaro de 1956, Kádár passou a integrar parte desse governo provisório como primeiro secretário, e junto com Nagy iniciou a negociação para a retirada das

** Traduzido do inglês “there are no small nations, only helpless ones”, frase sem autor conhecido, encontrada no Museu do Terror em Budapeste, montado como um memorial às vítimas da ditadura soviética no país.

†† Ficou conhecido como a tendência do comunismo utilizada pelo Josip Broz Tito na Iugoslávia combinando economia estatizada com liberdades civis. Em 1948 com o rompimento da URSS com a Iugoslávia “titoísmo” passou a ser usado para referir-se a opositores internos do regime soviético.

tropas soviéticas do país. Ao passo que as tropas soviéticas voltam a invadir o país na aniquilando com a revolução de 1956, Khrushchev convida János Kádár para integrar um governo alternativo ao de Nagy, no qual ele seria chefe de governo. János Kadar aceita a proposta e no dia 4 de novembro de 1956 os tanques soviéticos voltam a Hungria, empossando o novo líder de governo Kádár (HEINRICH, 1986).

A partir de 1960 Kádár passou a implantar na Hungria o que seria chamado de Comunismo “Goulash”, com uma gradual liberalização da economia, até então não vivenciada na maior parte dos outros países do Pacto de Varsóvia. Houve uma grande melhora se qualidade de vida e implementação de benefícios sociais no país neste período, contrastando fortemente com os anos de totalitarismo stalinista anteriores à revolução. O governo Kádár só seria destituído do poder em 1989, e para o bem ou para o mal, foi responsável pela atenuação da redemocratização do país, razão pela qual quando houve a queda do muro os húngaros já vivenciavam um certo nível de conhecimento da economia de mercado, embora só tenham vindo a tornar-se livres politicamente na mudança de regime. A Hungria teve uma transição para uma democracia de mercado não muito tumultuosa, que ficou conhecida por muitos como a “Revolução Silenciosa”, que será descrita nos próximos capítulos.

Definição de cultura política

Podemos definir cultura política de diversas maneiras, dependendo da metodologia utilizada e o objetivo da investigação. Segundo Almond e Verba (1963), pioneiros na criação deste termo e estudo dele; *“a cultura política refere-se ao conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores”* (VERBA et al, 1963).

Neste artigo, abordaremos cultura política como o modo que as instituições políticas, e os acontecimentos que ocorrem em torno delas são percebidas pelos indivíduos e como isso afeta a relação destes com a mesma. Serão estudadas as atitudes, disposições, preferências e valores em relação ao sistema político vigente, a sociedade política e as instituições a ela atreladas. Em sumo, como o cidadão vê a política no seu país, o que ele entende por ela, e o quanto disposto ele está a se envolver. Qual o grau de influência que os cidadãos acreditam que podem ter sob as decisões políticas do seu país? Em que medida isso interessa os cidadãos, e o quanto grande é seu conhecimento e discernimento?

Se a cultura política é influenciada pela história vivenciada pela comunidade ao longo dos anos, muito do que ocorre atualmente na política é reflexo de quanto alguns acontecimentos afetaram a sociedade como um grupo, levando a influencia-los individualmente.

Os padrões de comportamento adquiridos durante os processos de socialização históricos, religiosos, familiares ou comunitários determinam, em grande parte, a condição do conhecimento, os estados de espírito e paixão política bem como o modo como se expressam e se transformam em interesses e ações políticas. Isso vale tanto para o cidadão quanto para o político.
(SIMON, 1993, p.80)

Descrição dos legados no período de Redemocratização

Como frisado pelo historiador, Ivan Volgyes (1990), toda Era deixa um legado e seja este negativo ou positivo, ele virá a moldar a população e a economia deste país nos anos procedentes, ou pelo menos enquanto a memória destes for viva e partilhada dentro do país. A descrição a seguir dos impactos da ocupação soviética na Hungria, se dará somente no âmbito da cultura política, restringindo a crítica dos acontecimentos a esse setor. É importante voltar a afirmar que houve também aspectos positivos da ocupação soviética no país e muitos dos problemas que o país apresenta são uma soma da sua topografia, história ocorrida anteriormente à ocupação soviética, e localização geográfica e não podem e nem devem ser creditadas aos soviéticos. Este artigo não tem a intenção de questionar se o socialismo é positivo, ou o capitalismo é negativo, mas somente analisar os acontecimentos da ocupação e relacioná-los com algumas das características da sociedade como um ente político.

Atomização da sociedade; efeitos sob as organizações partidárias e confiança nas instituições.

Os húngaros, diferente de outros países do antigo bloco comunista, passaram por um regime stalinista mais pesado que teve como efeito direto a disseminação de quaisquer grupos de interesse, fazendo com que houvesse uma grande individualização e atomização da sociedade caracterizada por alta desconfiança do “próximo” (KÖRÖSÉNYI, 1999). Durante o governo kadarista somente 0,1% dos húngaros eram membros de alguma sociedade recreativa, religiosa ou cultural, fato que se reafirma na enquete de 1992, depois da mudança do sistema político, na qual os seis partidos do parlamento tinham juntos menos de 200 mil membros e os

sindicatos contavam com menos de 1,5 milhões de membros, evidenciando forte atomização da sociedade (SIMON, 1993). Essa dificuldade para que os indivíduos pudessem se organizar em grupos interferiu diretamente na organização partidária, e no interesse da população de integrar um partido político, dando continuidade a má organização político-partidária dos quarenta anos de ocupação soviética.

Além da atomização da sociedade, apatia política e pessimismo, outro caráter importante de ser citado é a visão instaurada da ocupação soviética da ideia de o governo como “eles”, e o do povo como “nós”. Esse conceito enraizou a ideia de que não importa a opinião pública e de que todas as decisões estão nas mãos de quem detém o poder, e as vontades da população não seriam levadas em conta. Essa “não participação” e sentimento de exclusão resultou em uma menor aceitação das leis impostas pelo governo por parte da sociedade gerando maiores níveis de corrupção e cinismo político, como demonstrada pelo fato de que grande parte da população húngara não se sente na obrigação de pagar impostos (VARGA, 1994 apud KÖRÖSENY, 1999 p.23).

Analisando a tabela a seguir, advinda de estudos entre 1985 e 1991 por Bruzt e Simon, (1994) podemos observar que a distância entre as entidades políticas, e a população húngara também obteve considerável crescimento no período inicial de restauração democrática. A população além de não acreditar que pode fazer diferença na política, não acredita que ao eleger candidatos, estes possam fazer mudanças importantes, ou seja, não existe confiança no funcionamento das instituições.

Cinismo político: porcentagem da população que concorda com a afirmação	1989 1990 1991 1992 1993				
	Nunca se pode confiar completamente em políticos	64	71	79	83
Pessoas comuns são sempre excluídas da política	77	72	75	83	81
Políticos preferem a não interferência da sociedade na gerencia dos estados	60	61	72	78	72
A opinião do publico só é levada em conta quando há problemas severos	66	68	70	72	67
Se tudo ocorrer bem é indiferente quem está no poder	60	59	62	64	59
Só há interesse por política daqueles que se interessam por fazer parte dela	38	42	60	59	56
É preferível não ser ativo em questões politicas, pois existe grande possibilidade de ser prejudicado eventualmente	45	45	50	53	45
Na Hungria todos podem opinar no gerenciamento do país	34	35	28	24	23
Os políticos fazem tudo ao seu alcance para saber a opinião da população	34	21	26	22	25

Tabela 1: Cinismo Político analisado entre 1989 e 1993

Fonte: BRUZZI E SIMON (1994) apud KÖRÖSENY, 1999 – Government and Politics in Hungary

Dessa mesma forma podemos abordar a questão que das características advindas da ocupação soviética no processo de redemocratização são por seu nível de autoritarismo e repressão, e não relacionadas ao cunho comunista. Muitas dessas características são comuns a países da América Latina, como Brasil, que passaram por regimes ditatoriais militares de direita (BAQUERO, 1993), o que faz com que a política dos países do ex bloco soviético, e no caso específico, da Hungria, se assemelhem muito mais com as sul-americanas que os regimes europeus ocidentais clássicos.

Deve ser levado em conta na hora da análise que a maior insatisfação encontrada nos primeiros anos de restauração democrática quando comparadas ao regime Kádár seja também relativa à maior liberdade de expressão adquirida no período pós 1989, sendo que anteriormente a população não teria liberdade para demonstrar descontentamento, e com a restauração democrática a ideia de melhorias era inerente, e sendo frustrada, a interpretação de democracia foi alterada. Segundo o cientista político húngaro András Körösey (1999), esse afastamento da população e descontentamento político não necessariamente está relacionado com a ideia da não aceitação da democracia, mas sim com seu funcionamento.

Conforme trabalhado anteriormente por Dahl (1990, pág 43) a sociedade em geral tende a relacionar bem-estar econômico com democracia, no senso de ter condições de vida melhores sob vantagens comparativas, não fazendo referência a consumismos e padrões materiais, mas sim no quesito de uma melhora do poder de compra, maiores oportunidades e justiça (BAQUERO, 1996). Se transportarmos estas afirmações e relacionarmos para o caso da Hungria, o longo período de regimes ditatoriais no país fez com que houvesse uma grande expectativa de mudança mediante a implantação da democracia. A população tinha a ilusão que com um regime democrático, todos os outros problemas econômicos seriam resolvidos, e haveria assim um total alinhamento com as democracias ocidentais (SIMON, 1993). Logo então, o descontentamento com a situação econômica do país ilustrado por exemplo, nos altos índices de desemprego que na comunidade soviética eram praticamente inexistentes, tendem a causar uma desilusão com a ideia anterior de democracia (SIMON, 1995 apud KÖRÖSENY, 1999 P.20).

Os legados na cultura política e valores da população durante a Revolução silenciosa

Cerca de um mês antes das eleições de 1990 uma pesquisa conduzida por Bruzt & Simon (1990), aponta que cerca de 44% dos entrevistados acreditava que a mudança de regime não evocaria diferenças em seu padrão de vida, cerca de 26% acreditavam que a mudança

alavancaria efeitos negativos para eles, enquanto que 30% acreditava que a redemocratização seria positiva. Esses dados em comparação às outras nações do leste europeu que passavam pelo mesmo processo demonstra que as expectativas húngaras eram muito menores em relação a uma melhora com a mudança de regime, chamada por alguns historiadores de pessimismo político, e vista por outros como realismo da situação.

Durante a mudança do sistema político em 1988 -1990, a Hungria foi o único país do leste europeu no qual a participação da população não se deu de forma expressiva, não há registros de grandes manifestações, greves ou demonstrações tomando parte, por isso o nome desse período é muitas vezes referido como “*A Revolução silenciosa*”. Pesquisas feitas com a população visando mapear a transformação dos valores sociais em 1985 (governo Kádár), 1989 (início do pluripartidarismo político) e 1991 (início da democracia multipartidária) podem ser observados na tabela abaixo:

Que importância tem na vida o fato de que as pessoas?	Pontos índices			
	1985	1989	1991	Mudança entre 85/91
Possam viver sem preocupações	93	93	94	"-"
Todos possam trabalhar	90	90	93	3
Sejam ricas	86	86	90	4
Pudessem aprender a ter acesso a cultura	85	86	91	6
Possam opinar livremente	79	83	88	9
Ser iguais	72	72	83	11
Possam descansar e divertir-se	71	76	84	13
Não fiquem expostas as vontades de autoridades	69	80	90	21
Não tenham grande diferença de renda	65	65	90	25
Tenham voz ao tratar com questões públicas	62	61	76	14
Que o estado não interfira na vida particular das pessoas	50	66	84	34
Possam organizar-se livremente para defender seus interesses	49	57	77	28

Tabela 3: Mudança no distanciamento entre cidadãos e políticas, refletida na pergunta “Em que grau concorda com as afirmações abaixo?”

Fonte: BRUZT & SIMON, The silenced majority in Hungary (1991) apud BAQUERO, 1995 p:84

Na descrição dos resultados acima podemos observar que no primeiro período observado, no qual as forças soviéticas ainda permaneciam no controle, o maior desejo de grande parte da população estava relacionado à ideia de ter uma vida tranquila, com um bom emprego e sem preocupações. Valores relacionados à liberdade do indivíduo na vida pública como na afirmação “não fiquem expostas as vontades das autoridades” ou “possam organizar-se livremente para defender seus interesses” eram muito baixos. Este padrão de comportamento

pode ser explicado por todos os anos de autoritarismo, e diretamente pela forte aniquilação da revolução húngara de 1956, onde todos que se opuseram ao regime foram silenciados.

Análise final dos valores políticos e consequente impacto sobre comportamento Eleitoral

Ao analisar os valores políticos da população húngara encontramos possivelmente os legados mais problemáticos do regime soviético. Fatores descritos acima, como atomização da sociedade, falta de confiança nas instituições políticas, cinismo e apatia em relação aos líderes políticos e sentimentos de impotência em relação a melhorias políticas no país são determinantes para entender o baixo comparecimento às urnas durante eleições e a crescente dificuldade dos indivíduos neste período de afiliarem-se a organizações políticas.

Ao realizar um estudo da cultura política húngara nos anos 90, Ivan Volgyes (1990), declarou que havia uma vasta lacuna entre a ideologia comunista e o comportamento materialista e pragmático dos cidadãos. Esse comportamento materialista pode ser visualizado durante o regime Kádár, no qual a população passou a viver um dualismo; tinha acesso a bens manufaturados com maior facilidade e a uma maior liberalidade cultural, fato que não ocorreu nos países vizinhos, porém não gozava essa mesma liberdade no campo político. Entende-se isto como um fator que acabou desencorajando o ativismo político, sendo chamado de comunismo “Goulash” que ao promover maior liberação na esfera econômica fez com que os valores da população priorizassem o consumo e não a participação na esfera política (TOKËS, 1996). Em suma, a comunidade húngara estava muito mais interessada numa liberalização econômica, tendo acesso aos bens de consumo e estilo de vida do ocidente, do que a própria liberalização política.

Estes valores incidiram diretamente nas eleições políticas que ocorreram até a rodada eleitoral de 1994, considerada por muitos o marco final da redemocratização do país. Entre 1989 e a 1994 a participação nas eleições foi muito baixa por parte da população.^{‡‡} De acordo com uma pesquisa realizada em 1995, cerca de um terço da população não tinha a capacidade de relacionar corretamente os partidos políticos existentes, e as oposições parlamentares. Nesta mesma pesquisa os eleitores que se identificaram como muito interessados em política foram cerca de 12%, os que alegaram ter um interesse médio foi de 34%, enquanto que 25% dos entrevistados afirmaram não ter interesse nenhum sobre política. No entanto, do grupo dos 34%

^{‡‡} Como exemplo cita-se o caso das eleições para uma vaga no parlamento, devido a morte de um dos seus ocupante em 1990 (distrito de Kisbér, Condado de Komárom-Esztergom), no qual houve três eleições seguidas, com dois turnos cada, anuladas por não terem atingido uma porcentagem mínima de eleitores. Em 1992, embora a quantidade de eleitores não passasse de 27% da população, o candidato com maior número de votos foi eleito ao cargo (SIMON, 1993).

que disseram estar muito interessados no quesito política, 84% asseguraram já estar preparados para votar nas próximas eleições (GAZSÓ *et al.*, 1995 apud TÖKÉS 1996 p. 93)

Considerações Finais

A década de 90 foi marcada pelo ruptura da União Soviética, e o conseqüente fim da era bipolar gerada pela Guerra Fria. Nessa década uma das principais pautas da agenda internacional era como se daria essa transição para a democracia nos países do ex-bloco soviético (JUDT, 2007). A questão dos diferentes conceitos de democracia voltou a ser discutida pelos cientistas políticos, que tentavam prever o rumo que essas transições levariam a esses países que foram regidos por tantos anos sob autoritarismo (SIMON, 1993). A entrada da Hungria na União Europeia em 2004, assinalou seu reconhecimento como governo democrático, visto que a principal exigência para países membros é a democracia como forma de governo. Porém no contexto atual da UE, a Hungria vem sendo questionada pela adoção de políticas não democráticas aliadas a críticas ao sistema político do país, levantando novamente a questão; “O que é democracia?”

Como analisado durante o texto, os quarenta anos de ocupação soviética tiveram sim relativamente grande efeito sob como a população reagiu durante os primeiros anos da restauração democrática, no âmbito da cultura política e comportamento eleitoral, mesmo que não completa e unicamente dominante deva-se somente aos legados desta. Transições políticas levam tempo, e geralmente trazem consigo dificuldades econômicas, as quais nos dias de hoje são vivenciadas pela população húngara, sendo potencializadas pela crise europeia. Pode-se dizer que a partir de 1994 houve uma mudança considerável nos padrões de comportamento político, como demonstrado na pesquisa acima; a população está aos poucos se conscientizando que boa parte dos resultados econômicos serão decorrentes de uma boa administração do país, e para isso a população precisaria estar mais ativa.

A razão pela qual as eleições de 1994 são consideradas o marco final da redemocratização do país é primariamente pelo fato de ter sido a segunda rodada de eleições multipartidárias pós ocupação soviética. Além disso, elas foram marcadas por uma multipolarização da esfera política, ao passo que houve coligações diretas entre esquerda e direita, alargando a ideia de que a política só poderia ser definida por extremos.

Desde 1994, os húngaros também tem demonstrado maior esforço para defender seus interesses próprios, tendo aumentado a participação nas urnas ao longo dos anos 90 até 2002,

sendo nestas últimas eleições uma participação de cerca de 74% da população – a maior da história húngara registrada até então. A partir de 1994 o povo também passou a se sentir mais confiante, integrando passeatas, demonstrações públicas e gerando petições. Parte da maior mobilização da população também deve ser relacionada à insatisfação econômica, gerada pelas crises que tem rondado a Europa nos anos, dificultando a maior evolução da economia dos países do leste europeu.

Em 1999 a Hungria passa a integrar a OTAN, e em 2004 vira membro da União Europeia, e em 2007 passa a integrar o acordo Schengen, tendo livre circulação de pessoas entre a Hungria e os outros países membros. Apesar de ainda haver legados da ocupação soviética na cultura política húngara, estes no período pós 1994 passaram a diminuir significativamente. As mudanças nas instituições políticas apresentam sinais de irreversibilidade, e satisfeitos, insatisfeitos ou indiferentes à política, a população acredita na democracia e mostra sinais de adaptação à ela, ao passo que exerce seu direito como eleitor. Em linhas tortas e com tropeços, o processo de adaptação a democracia continua no país, e tende a manter-se.

Referências

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The Civic Culture**. Princeton, EUA: Princeton University Press, 1963, 574p.

BARANY, Zoltan; VOLGYES, Ivan. **The Legacies of communism in Eastern Europe**. Baltimore, Maryland, EUA: The Jhon Hopkins University Press, 1995. 338p.

BAQUERO, Marcello (Org). **Condicionantes da Consolidação Democrática: ética, mídia e cultura política**. Porto Alegre, Brasil: Ed. Universidade UFRGS, 1996. p.157.

BRUSZT, L; SIMON, Janus. **The change in citizen political orientations during the transition to democracy in Hungary**. Public Opinion and Election Studies 1990-1991. Budapeste: Instituto de Ciência Política, 1990.

CARTLEDGE, Bryan. **The Will to Survive; A History of Hungary**, Nova York, EUA: Columbia University Press, 2011 p. 604.

DUCH, Raymond. **“Tolerating Economic Reform: `Popular Support for the transition market in the former Soviet Union”**, The American Political Science Review, Vol. 87, Issue 3, 1993.

HANKISS, Elemer. **A "grande coalizão" (as mudanças na Hungria)**. Lua Nova no.22 São Paulo Dec. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451990000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 2 de Maio de 2012

HEINRICH, Hans-Georg. **Hungary: Politics, Economics and Society.** Marxist Regimes Series. Londres, UK: Pinters Publishers, 1986 p. 197.

KUSCHNIR, Karina e CARNEIRO, Leandro "As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política". estudos históricos. Rio de Janeiro; FGV/CPDOC, n.º. 24, 1999.

Electoral geography – mapped politics: **Hungary 1994 elections.** Disponível em: <<http://www.electoralgeography.com/new/en/countries/h/hungary/hungary-legislative-election-1994.html>> Acesso em 22 de Maio de 2012

KÖRÖSÉNY, András. **Governments and Politics in Hungary.** Budapest, Hungary: Central European University Press, 1999. p.305.

PALONEN, Emilia; **Political Polarisation and Populism in Contemporary Hungary.** Oxford; Parliamentary Affairs Vol.62, No 2, 2009. p.318-334. Disponível em: <<http://pa.oxfordjournals.org/content/62/2/318.abstract>> Acesso em: 27 de Abril de 2012

TÖKÉS, Rudolf. **Political Transition and Social Transformation in Hungary.** Barcelona, Espanha; Revista CIDOB d'afers internacionals núm 32-35, 1996. p 79-101. Disponível em: <http://www.cidob.org/es/publicaciones/articulos/revista_cidob_d_afers_internacionals/political_transition_and_social_transformation_in_hungary2> Acesso em: 13 de Abril de 2012

TURNOCK, David. **The East European Economy in Context: Communism and transition.** London, UK: Routledge, 1997 p.425.

SIMON, Janus. **Cultura política Pós Paternalista na Hungria: Relação entre cidadãos e política durante e após a “Revolução Melancólica”** IN BAQUERO, Marcello (Org.) *Cultura Política e democracia: os desafios das sociedades contemporâneas.* Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SZABO, Ladislao; SEGRILLO, Angelo; DE AQUINO, M. Aparecida; AUBERT, Pedro G. **Hungria 1956...e o muro começa a cair.** São Paulo: Contexto, 2006, 172p.